



MOCIDADE EN CULTA
INDEPENDEN

A MOCIDADE NOM SE VENDE

Relatos de intentos de infiltración
policial no independentismo galego

A MOCIDADE NOM SE VENDE
Relatos de intentos de infiltración policial
no independentismo galego

Edita: Edicións Arredistas
Santiago de Compostela, Galiza, setembro 2025

O presente texto é unha reedición do libro publicado no ano
2013 pola Asemblea da Mocidade Independentista.

Impressom:

ISBN:

Depósito legal:

Maquetación:

A editora anima a calquera a ler, difundir e fotocopiar sen pedir
permiso a ninguén; gostaríamos de ser mencionadas, tanto
a organización que realizou a publicación como a editora que
imprimiu esta nova versión.

Edita: Terra Livre edicións

Autora: Asemblea da Mocidade Independentista

Ano de edición: 2013

Com a colaboración de:

Ministerio del Interior

Centro Nacional de Inteligencia

Ministerio de Educación, Cultura y Deporte

Gobierno de España

*Os relatos e demais textos publicados no libro non representan
necesariamente a posición da AMI nem das colaboracións*

*Os diferentes relatos de intentos de infiltración están escritos
em primeira persoa por quen os sufreron. Para protexer a súa
intimidade e seguridade foron asinados con pseudónimos.*

Asemblea da Mocidade Independentista /// 2013

7	PRÓLOGO
9	O PORQUÊ DESTA PUBLICAÇÃO
13	QUE É A ESPIONAGEM?
17	QUEM FAZ A ESPIONAGEM?
23	PORQUE FAZEM ESPIONAGEM?
27	COMO FAZEM A ESPIONAGEM?
39	RELATOS DE INTENTOS DE INFILTRAÇÃO NA MOCIDADE INDEPENDENTISTA
63	O QUE FAZER EM CASO DE INTENTO DE INFILTRAÇÃO

*“Conhece ao teu inimigo e
conhece-te a ti própria, lograrás
cem vitórias em cem batalhas”*

SUN TZU, O ARTE DA GUERRA

PRÓLOGO

Desde Edicions Arredistas, decidimos reeditar esta publicação do ano 2013 da AMI, a Assembleia da Mocidade Independentista. Vam doze anos aló deste texto, e onze desde a dissolução da própria AMI, e a temática do mesmo continua vigente.

Nestes últimos anos, destaparom-se diferentes casos de infiltrações policiais por todo o Estado Espanhol, principalmente em Madrid e nos Países Catalans, graças ao trabalho militante e de médios de contra-informação como La Directa ou O Salto Diário.

A necessidade de cuidar-se da ação do Estado, da repressom contra todos os movimentos sociais, levou a que múltiplas organizações e coletivas tirassem publicações para a formação das militantes e integrantes destes espaços. Destacamos o *Manual para destapar a infiltrados policiais*, realizado por um coletivo editorial de Madrid, Dos Cuadrados, em colaboração com militantes que levam trabalhando no tema, e que sairá em galego após a tradução de Ardora Edición(s) Anarquistas. O outro livro, publicado pola editora Descontrol, do coletivo Roses Negres, é *L'ombra de l'Estat. Un testimoni col·lectiu sobre les infiltracions policials*.

Perante a atualidade do assunto, decidimos que este pequeno livro da AMI fosse o primeiro da editora, já

que foi em certa maneira um livro pioneiro no panorama juvenil, quanto menos no galego, arredor das infiltrações policiais e as táticas utilizadas polo Estado para inabilitar e rebentar espaços militantes.

Ainda que o livro é do ano 2013, segue valendo para o contexto atual muito do seu conteúdo, sendo de especial valia os relatos das companheiras que confrontaram os intentos de infiltração.

O contexto no que se inscreve a obra é o dos últimos anos do ciclo político anterior, onde o independentismo galego contava com um organigrama muito ativo e completo, com um MLNG presente em quase todas as frentes de luta. Existia contra este umha forte repressom, ao haver forte interesse do Estado Espanhol em frear aquilo que se denominou como Resistência Galega, à qual se vinculava quase de jeito direto com a AMI. Por isso, se calhar, é mais interessante ainda a reedição da publicação, para chegar às novas militantes o panorama naquela altura.

Para a presente publicação, decidimos corrigir algunhas gralhas que atopamos na versom original, assim como a atualização dalgum termo, para facilitar a compreensom da leitura.

O PORQUÊ DESTA PUBLICAÇÃO

A sociedade do espetáculo faz que todo brilhe e rebrilhe nos nossos écrans. Todo se pode ver. Sabemos de todo. No google aparece qualquer cousa. Qualquer pessoa. Todo o mundo civilizado.

E querem convidar-te a um café. Ou a umha cerveja. Ou só falar um pouco dando um passeio. As fórmulas som variadas. O objetivo é um: conseguir chivatos. Colaboradores para a sua casa. Traidores na nossa.

Num momento no que a questom da intimidade desaparece pola geralizaçom do exibicionismo, falar de discreçom, de opacidade ou de medidas de segurança parece umha parvada quando nom umha atitude de “paranoica”. A geralizaçom do uso de redes sociais e tecnologias da comunicaçom, e a atitude de “nom tenho nada que esconder” fazem com que nos movimentos populares se faça mais fácil do que nunca para o inimigo terem-nos controladas, saber dos nossos posicionamentos e atividades e fazer exaustivos perfis psicológicos.

Entretanto, nom passa nada, até que um dia um par de senhores param-te pola rua mentres caminhas, aproximam-se a ti enquanto aguardas o autocarro,

ou bloqueiam-te o caminho cara o trabalho. Apresentam-se como “de Interior”. Ou como “membros do CNI”. Ou como “jornalistas”. Ou simplesmente dam algum nome próprio para a ocasiom. E querem convidar-te a um café. Ou a umha cerveja. Ou só falar um pouco dando um passeio. As fórmulas som variadas. O objetivo é um: conseguir chivatos. Colaboradores para a sua causa. Traidores na nossa.

Quando começamos a ajejar polas fendas sentimos perigosos paralelismos com alguns clássicos da ciência-ficçom. E aí os seus golpes: inocular o medo. Estender a desconfiança. Assustar. Criar sensação de paranoia e isolamento. Caminhas num mundo diferente do das outras pessoas que olham as vidreiras das lojas, ou tomam café nos terraços dos bares. É primavera no Corte Inglês, enquanto a ti te persegue umha olhada invisível por trás. A realidade supera os filmes. E resulta que de racharmos o écran, detrás do cartom-pluma do cenário, aqui, esta é a realidade.

A nossa resposta: irmandade, lealdade, princípios. A dignidade da mocidade consciente e combativa deste país nom está em venda.

A cosmovisom, o imaginário, o cenário, o écran. É o monopólio do inimigo. A agressiva alienação faz com que boa parte da classe obreira continue numha marcha cara nenhures. E nada acontece. A dialética histórica rematou. Nom há futuro. Nom há passado. Isto é a realidade. Imutável. Líquida. Brilhante e vibrante. Nada por diante, nada por trás. Mas o mago capitalista espanhol é um ilusionista de pouca monta. Detrás do sorriso *proffident* há umha boca fedorenta e desdentada. Escura e nojenta. E podre. Falível. Finita. Estrategicamente invisibilizada. Som os segredos dos esgotos

do Estado. As misérias que tem Espanha escondidas, apodrecendo debaixo dos tapetes.

Do que ninguém fala. Dos fundos reservados. Dos serviços de inteligência. Do controlo social. Das conspirações do poder para manter o status quo. E nom som filmes. Como umha partilha necessária, para umha visibilizaçom necessária decidimo-nos a fazer públicas estas reflexons e relatos. Devemos rachar os muros do silêncio e denunciar o jogo sujo dos que torturam com luvas brancas. Desvelar a maneira de agir do Estado fascista no que vivemos.

Estamos orgulhosas e celebramos a nossa vitória. Contra a intençom do inimigo de debilitar-nos, de fazer medrar a desconfiança, de difundir o medo. A nossa resposta: irmandade, lealdade, princípios. A dignidade da mocidade consciente e combativa deste país nom está em venda. Teremos poucos anos, mas o valor e o amor suficiente, por nós, polas nossas irmás, e polo nosso País. Sabemos com certeza que nunca nos convertirão neles. Berramos-lhe umha e mil vezes ao inimigo que nom. Que nom depende do preço. Que nom estamos em venda. Custa-lhes entendê-lo porque nós, a diferença deles, nom somos mercenárias, nom estamos em esta luta por um salário. Nom entramos na sua lógica. Felizmente.

Fazemos públicos estes relatos de alguns dos intentos de infiltraçom policial que sofremos por vários motivos, o primeiro difundi-lo para que as novas pessoas que de seguro se verám em esta situaçom tenham referências e ferramentas para agir. Segundo, para destapar os trapos sujos do Estado; que se saiba e difunda como trabalham os gestores do fascismo no âmbito da procura de informaçom para a persecuçom política. E

terceiro, para orgulho coletivo, como umha dose de autoestima necessária na que o que destaque nom seja só o feito da agressom que estamos a padecer, mas sobretudo, como se lhe está a plantar cara. Com dignidade. Com honor. Com firmeza. Os princípios polos que luitamos nom som umha frase de ordem. Som umha forma de vida. O futuro é nosso.

QUE É A ESPIONAGEM?

Um serviço de inteligência é umha agência do governo dedicada a obter informação baseando-se na segurança estatal e defesa. Esta procura normalmente leva adjuntas ações de espionagem. **A maioria dos serviços de espionagem no mundo estão involucrados em múltiplas ações ilegais como assassinatos, tráfico de armas, golpes de estado, violações do direitos humanos e contrapropaganda com o objetivo de lograr os interesses dos seus respectivos governos.**

Ademais dos serviços próprios de cada Estado, existem serviços de inteligência privada. Os lugares de ação de cada serviço variam, tanto a nível interno do Estado, como a nível externo. Também pode dar-se duplicidade de funções, o que pode reverter em conflitos entre serviços¹. A informação recolhida por estes serviços termina nas mãos do chefe do serviço e de aí nas dos organismos do governo.

Em todos os conflitos empregaram-se serviços de informação, mais ou menos sofisticados e profissio-

1 Veja-se conflitos de competências entre Guardia Civil e Cuerpo Nacional de Policía no Estado Espanhol, ou a CIA, FBI, NSA, etc, nos EUA.

nais, com o fim de conhecer os planos táticos e/ou estratégicos do inimigo. No s.XV, o Estado veneziano sentou as bases do que hoje identificamos como um serviço de inteligência, mui ligados ao corpo diplomático. O grande avanço em matéria de espionagem e contraespionagem foi dado durante e depois da II Guerra Mundial. Após este conflito, os serviços de espionagem expandem os seus objetivos além do puramente militar e ampliam-no para outros âmbitos da vida e da sociedade.

Nom faz falta dizer que esta conceição de expandir-se para outro âmbito da sociedade é especialmente pernicioso para os movimentos populares contestatários. O Estado dedica cada vez mais recursos para o controlo da sua população, saber o que pensam e o que fazem. **A dissidência política é o inimigo nº1. Os serviços de informação trabalham conjuntamente com as forças policiais e militares, já que, normalmente, som estas o braço executor das decisões político-repressivas, após a recolhida da informação por parte dos primeiros.** É o trabalho especialmente estreito é com as forças de operações especiais destes corpos. Isto deriva numa guerra suja do Estado contra a dissidência. No mundo há dúzias e dúzias de exemplos, da Colômbia à Rússia. Dos Estados Unidos a Grécia. De Marrocos à Galiza. Alguns casos concretos e conhecidos:

→ Depois de uma investigação de mais de dez anos por parte dos serviços de inteligência de meio mundo, os Navy Seal americanos assassinaram no 2 de maio de 2011, após o assalto à sua vivenda, a Bin Laden, relacionado com Al Qaeda e com o movimento

islâmico internacional. Sobre este tema é interessante ver o filme *Zero Dark Thirty*, onde quase duas horas são dedicadas à investigação do serviço de inteligência estadunidense, retratando subornos, tentativas de infiltração em Al-Qaeda, torturas de prisioneiros, etc.

- No 6 de março de 1988, e membros do IRA foram assassinados por membros do SAS, forças especiais britânicas, após um trabalho conjunto entre os serviços de informação espanhóis e britânicos. Este assassinato foi legalizado por um julgado gibraltarrino no final desse mesmo ano.
- No Estado Espanhol está mais que provada a guerra suja, sobre tudo ligada com o caso dos GAL e do *Batallón Vasco-Español*. A própria justiça espanhola revela que os serviços de informação espanhóis, membros dos corpos policiais e postos políticos de grande relevância estão relacionados com a guerra suja do Estado contra o MLNB.

AS ORIGENS DA ESPIONAGEM NO ESTADO ESPANHOL

Existem antecedentes não-profissionalizados não muito documentados de serviços de inteligência na Segunda República Espanhola. A partir do ano 1935 o Ministério de Guerra cria um *Servicio de Información*, ainda que apenas teve influência, devido ao Golpe de Estado de 1936. Durante o conflito bélico posterior, cada bando tentou criar uns serviços próprios, ainda que a multiplicação de agências para realizar as mesmas atividades de espionagem sumiu estas num caos

absoluto. Ao fim da guerra o Estado dispunha de oito agências diferentes realizando, na prática, as mesmas funções.

Os serviços de inteligência interior foram: *Servicio de Información del Movimiento, Servicio de Información de la Dirección General de Seguridad, Servicios de Información del Ejército de Tierra, la Armada y el Ejército del Aire* e os *Servicios de Inteligencia Exterior y de Contra-inteligencia*.

SECED

No 1972 cria-se o *Servicio Central de Documentación*, dependente da *Dirección General de Presidencia del Gobierno*, dependendo do Almirante Luís Carrero Blanco, entom *Ministro Subsecretario de la Presidencia*. A sua missão era a chamada *contrasubversión*, é dizer, conhecer aos movimentos que se opunham ao regime franquista, centrando-se sobre todo no conflito basco.

CESID

No 1977 nasce o *Centro Superior de Información de la Defensa*, substituindo o SECED e a inteligência militar. Estruturou-se em três divisões: Inteligência Interior, Inteligência Exterior e Inteligência Técnica.

Centrou-se nos movimentos políticos antissistema, tanto nos revolucionários como nos reacionários. Em 2002 muda para *Centro Nacional de Inteligencia*.

QUEM FAZ A ESPIONAGEM?

No Estado Espanhol existe umha estrutura de inteligência, onde se organizam todos os serviços dependentes. A Comunidade de Inteligência do Estado está regulada pola Lei 1.

Analisemos polo miúdo os serviços de inteligência espanhóis que “trabalham” na nossa Terra, advertindo que a estrutura interna de cada serviço é segredo de Estado, polo tanto os dados dos que dispomos som os que eles próprios fam públicos através da internet².

CENTRO NACIONAL DE COORDINACIÓN ANTITERRORISTA DE ESPAÑA

Criado logo após os atentados do 11 de março de 2004, para melhorar as defesas contra o “terrorismo nacional e internacional” [sic]. É umha estrutura formada por membros do *Cuerpo Nacional de Policía* (CNP), da *Guardia Civil* (GC), de *Instituciones Penitenciarias* (IP), militares das *Fuerzas Armadas* (FFAA) e pessoal do *Centro Nacional de Inteligencia* (CNI). A presidência é dirigida polo Secretário de Estado de Seguridade. A

2 É de notar que ao longo deste trabalho empregaremos a terminologia empregada polo Estado para determinar aos seus inimigos: “terrorismo”, “antissistema”, “radicais”, etc.

finalidade básica desta estrutura é atuar como “centro de recepção, processo e valoração da informação disponível sobre todos os tipos de movimentos que constituem umha ameaça terrorista” [sic] para o Estado. A missão essencial desta estrutura é integrar, analisar e valorizar toda a informação conseguida polos diferentes serviços de inteligência espanhóis e os seus objetivos fundamentais som: dispor dumha valoração atualizada da ameaça contra o Estado e planificar a resposta do Estado perante estas.

GUARDIA CIVIL: SERVICIO DE INFORMACIÓN DE LA GUARDIA CIVIL

Este Serviço de Inteligência da Guardia Civil, ao mando dum oficial deste corpo militar, corresponde-lhe organizar, dirigir e processar a obtenção, recepção, tratamento, análise e difusão da informação de interesse para a ordem e a segurança pública no âmbito das funções próprias da Guardia Civil e a utilização operativa da informação, especialmente em matéria do que eles chamam antiterrorista, seja estatal e/ou estrangeira.

CUERPO NACIONAL DE POLICÍA: COMISARÍA GENERAL DE INFORMACIÓN

A *Comisaría General de Información* (CGI) é o que habitualmente denominamos polícia secreta. O Real Decreto 1449/2000 do 28 de julho define as suas funções: “*captação, tratamento e desenvolvimento da informação de interesse para manter a ordem e a segurança pública no âmbito das funções da Direção Geral, e a utilização operativa da informação, especialmente em matéria antiterrorista, no âmbito nacional ou internacional*” [sic].

3 Artigo 3.5, Real Decreto 1449/2000 do 28 de julho

Esta imagem define a estrutura desta *Comisaría General*. Os acordos dos Conselhos de Ministros espanhóis do 28.11.1986 e do 16.02.1996 outorgam o carácter de secreto à estrutura, organização, meios e procedimentos operativos específicos dos Serviços de Informação do Estado a esta estrutura policial, assim como as suas fontes e informações ou dados. Contava, no ano 2008, com perto de 3000 agentes, distribuídos por todas as unidades e por todo o território do Reino.

Esta comissaria tem umha estrutura formada por unidades centrais, divididas a sua vez em serviços e brigadas, e umha estrutura periférica formada por brigadas provinciais e brigadas de informação.

Centrando-nos nas unidades que som do interesse deste trabalho.

UNIDAD CENTRAL DE INTELIGENCIA

A *Unidad Central de Inteligencia* (UCI) é a que tem as funções de análise, contando com duas brigadas: a *Brigada de Análisis Estratégico y Operativo de la Información*, especializada em análise e tratamento da informação, e a *Brigada de Sistemas y Tecnologías de la Información y Ciberterrorismo*.

UNIDAD CENTRAL DE INFORMACIÓN INTERIOR (UCIO)

Dedicada a informar a respeito de movimentos sociais antissistema e subversivos, crime organizado, seitas, grupos políticos radicais, vigilância de movimentos antinucleares, etc...

UNIDAD CENTRAL OPERATIVA ANTITERRORISTA (UCOA)

Encarregada de realizar os labores operativos: seguimentos, operações, infiltrações, etc...

UNIDAD CENTRAL DE INFORMACIÓN EXTERIOR (UCIE)

UNIDAD DE APOYO OPERATIVO (UAO)

CENTRO DE INTELIGENCIA DE LAS FUERZAS ARMADAS

O *Centro de Inteligencia de las Fuerzas Armadas* (CI-FAS) é um órgão da inteligência

Militar dependente do *Jefe del Estado Mayor de la Defensa* (JEMAD), incluído dentro da estrutura orgânica do *Estado Mayor de la Defensa*. A sua função é facilitar ao JEMAD, ao Ministério de Defesa e a Presidência do Governo espanhol informação sobre situações de risco e crise precedente do exterior.

SECRETARÍA GENERAL DE INSTITUCIONES PENITENCIARIAS

A *Secretaría General de Instituciones Penitenciarias* é a encarregada do impulso, direção, gestão e supervisão dos serviços de prisão do Estado. A *Unidad de Coordinación de Seguridad Penitenciaria* é a unidade encarregada da inteligência e espionagem da população presa. Esta unidade mantém um enlace permanente com o CNP, a GC e o CNI.

CENTRO NACIONAL DE INTELIGENCIA

É o serviço de espionagem por excelência do Estado Espanhol. Trabalha com o objetivo de reunir informação, reforçando o despregue de agentes, tanto dentro como fora do Estado. Como aparece no seu próprio web: “Os esforços [...] devem-se desenvolver sem perder o próprio horizonte da segurança interna para que não seja desestabilizada por movimentos terroristas ou radicais. Apesar de que aparentemente na atualidade o mundo aparece como mais distendido,

os serviços nom podem abandonar o seu labor de obtenção de informação sobre meios de segurança de umha nação [...]”. “A missão geral atribuída ao CNI é a de facilitar ao Presidente do Governo e ao Governo da Nação as informações, análises, estudos ou propostas que permitam previr e evitar qualquer perigo, ameaça ou agressão contra a independência ou integridade territorial de Espanha, os interesses nacionais e a estabilidade do Estado de direito e as suas instituições”⁴ [sic].

4 Lei Orgânica 11/2002

PORQUE FAZEM ESPIONAGEM?

Para terem o controlo, e continuarem a manter o poder a seu status quo. A espionagem atual é umha forma de guerra suja. É umha guerra encoberta, onde, na maioria das ocasiões, os feitos que estão a transcorrer são legais ou, diretamente, ilegais. A necessidade do agressor de espiar o agredido é a necessidade de conhecê-lo, de conhecer o contexto geral e estabelecer umha estratégia de assimilação e/ou submetimento de maneira controlada e com o menor custo possível. Conhecer a situação do agredido, a sua debilidade é muito útil para o controlar e manejá-lo.

A ânsia e a necessidade de conhecer estas debilidades vem dada pelo bem ou mal que as esconde o bando agredido; quanto mais opaco seja, mais difícil o terá o bando agressor. É à inversa: quando mais visíveis, mais fácil será a agressão.

É fácil de entender porque o Estado Espanhol, por exemplo, espia o Estado Marroquino: precisa saber a quantidade das forças armadas que pode mobilizar perante um conflito militar. Saber que capacidade de recursos tem, tanto num momento de paz, como num conflito bélico. Saber até que ponto poderiam chegar

com negociações políticas, e quando o próximo passo seria a declaração de guerra. Saber o apoio da população ao regime, etc, etc. Como vemos, todos os fatores para espiar som, menos o da espionagem industrial, para saber mais do inimigo em caso de conflito. Quer dizer, por medo ao enfrentamento e por saber como superá-lo.

É mais difícil de compreender, para o público em geral, porque um Estado supostamente “democrático” como o Espanhol espia a um conjunto da sua população (movimentos independentistas, anarquistas, torcidas de futebol, 15-M, movimentos obreiros, etc). Por medo. Por medo ao enfrentamento. Por medo a um conflito político e social. Por medo a perder. Espanha quer saber a quantidade de pessoas que mobiliza esse movimento e que características tem, quando um movimento é reformista (polo tanto reconduzido e absorvido dentro do sistema) ou ruturista (polo tanto é necessário à sua destruição), que tipo de apoio do resto da população tem e pode chegar a ter, que confiança há nas “cabeças pensantes” e “líderes⁵ e nas linhas estratégicas de cada movimento, etc., etc. Quando um movimento social pode ser um problema para o Estado, este encarrega-se de investigá-lo. Temos exemplos públicos e recentes:

5 Sempre andam na procura de líderes, ainda que nom existam, a figura do “cabecilha revolucionário”, “chefe militar”, “agitador”, etc., está muito assumida por parte do Estado Espanhol como necessária para um movimento contrário ao seu regime, e nom saem dessa, se nom existem, inventam-se.

- Quando a greve de controladores aéreos de dezembro do 2010, o ministro de Interior espanhol na altura, Pérez Rubalcaba, anunciava: “*A maior vantagem é que eu sei tudo*”. O diário espanhol “El Mundo” publicava “*Rubalcaba ordenó al CNI pinchar los móviles de los controladores*”.
- A espionagem sofrida pela *Plataforma de Afectados por las Hipotecas* (PAH) de Madrid, onde se investigou a todas as caras visíveis, tentando relacionar a PAH com ETA e o MLNB.

Depois desta investigação, o Estado decide:

- **Reconduzi-lo e absorvê-lo dentro do sistema.**
 Por exemplo, muitas das reivindicações do 15-M, que passaram de ser obra da rua e do povo, a ponto nas campanhas eleitorais de muitos partidos políticos, minimizando a sua atuação contrária ao Estado e, de passo, aproveitar a ocasião para apanhar votos. É a solução mais “democrática”, porque é a mais difícil de perceber por grandes setores da população, inclusive chegando a acharem que venceram nas suas reivindicações.
- **Minimiza-lo e marginá-lo.**
 Para isto empregaram toda a sua força: policial, pressão informativa, etc., para conseguir a invisibilização das suas reivindicações. A propaganda nos meios de comunicação é uma das formas mais fáceis para o Estado de conseguir que um movimento perda prestígio, fazendo que o povo o abandone ou o

veja com desconfiança. “Umha mentira dita mil vezes converte-se numha grande verdade” J. Goebels.

→ **Destruí-lo.**

Para isto emprega a força, é a solução mais clara e mais fácil de perceber, todo gira arredor do emprego das forças policiais ou militares para efetuar detenções e/ou assassinatos com a ideia de rematar com o movimento. Complementado, claro, com o emprego da propaganda para difundir umha explicação tendenciosa ou diretamente falsa do conflito.

COMO FAZEM A ESPIONAGEM?

Recolhendo informação. O primeiro que têm de fazer os serviços de informação é, por suposto, recolher informação. Fazem-no de forma direta ou indireta, ambas som efetivas e complementárias, permitindo-lhe ao inimigo ir desenhando perfis, tanto a nível pessoal como a nível de movimento.

É de notar, que ao inimigo lhe interessa qualquer tipo de informação, por ínfima e de pouca importância que para nós tenha, porque pode ajudar a desenhar aproximações de perfis psicológicos e possíveis pautas de conduta.

FORMAS DE RECAVAR INFORMAÇÃO DIRECTA

I. INFILTRAÇÕES

Isto é quando integrantes dos serviços de informação tentam introduzir-se diretamente

no movimento. Normalmente som agentes recrutados pelo seu aspeto “normal”, é dizer, nom nos espere-mos um protótipo estético de polícia, mais bem todo o contrário. Cada agente infiltrado tem um outro agente que é o seu enlace com a sua vida normal, chamado controlador, ele é quem lhe diz o que tem que fazer,

cara onde deve investigar e infiltrar-se. Normalmente som infiltrações de vários anos, já que como o inimigo mesmo diz, é difícil de “ganhar a confiança dos radicais”. É difícil descobrir um infiltrado, normalmente, só os seus próprios erros podem fazer que se descubram. Difícil pela sua parte infiltrar-se, igualmente difícil para nos descobri-los. Som os raros e os que mais informação podem obter, e evidentemente, os que mais dano podem chegar a fazer a um movimento.

II. CHIVATOS

Aos serviços de informação interessa-lhes ter orelhas em todos os espaços, mas a sua curiosidade aumenta segundo se aproximam aos núcleos “duros” de militância mais comprometida. A dificuldade de conseguirem “orelhas” diminui exponencialmente ao tentar aproximarem-se a estes âmbitos.

Pode haver chivatos de movimento, simplesmente alguém que frequente centros sociais, manifestações ou eventos públicos. Funciona “cheirando” o ambiente, contando o número de pessoas, quem som, e tentando ver as relações entre elas. Atuam de um jeito semelhante à polícia secreta, mas normalmente som mais discretas -esteticamente ou mesmo por ter adquirida certa familiaridade nos espaços sociais-. Há alguns que som “orelhas” pontuais, cobrariam por “serviço”; veja-se o caso de que merodeiam reuniões ou atos. Em ocasiões levam gravadoras ocultas. A sua compra é barata para as forças do Estado: algum dinheiro em metálico ou proteção policial para desenvolver atividades ilegais, fundamentalmente tráfico de drogas. Podem existir casos, nos que os serviços de informação simplesmente se aproximam “pessoalmen-

te” a algum bocas. Em ocasiões pode ser que existam casos de relação prévia com os *maderos* (por exemplo, por coincidir num ginásio ou na prática de algum desporto, por ligação familiar, etc.) em estes casos, só convidando a beber algo e/ou dando conversa poderia conseguir certa informação. Apenas uma pergunta de “como estão as coisas?” ou “quê movida isto”, já consegue uma reacção ou resposta, sem que a pessoa sequer tenha “consciência” da sua colaboração gratuita.

Para conseguirem chivatos em organizações ou em espaços mais comprometidos -e pelo geral mais seguros- o trabalho complica-se-lhes. Aqui é o que vamos mostrar o seu modo de agir pelo miúdo, narrando alguma das experiências vividas pela mocidade independentista. Empregam distintos protocolos de acção, estes variam a forma e os tipos de pressão adequando-o ao perfil pessoal da pessoa que querem comprar.

O tipo de informação que lhe interessa de início ao inimigo pode ir desde dados pessoais como problemas familiares, laborais, inimizades ou maus entendidos entre companheiras de movimento... que fazem com que vão conhecendo um perfil pessoal da militante, e favorecendo a acção ou medida de pressão que poderiam usar contra a pessoa, até informações políticas mais concretas, como conhecer a forma e situação interna das organizações ou do movimento onde se faz mais necessária a colaboração de chivatos ou infiltrados. Interessa-lhes conhecer as formas de acção interna, quem toma as decisões, quem propõe as campanhas, etc. Ao princípio podem parecer coisas sem importância, mas, deste jeito vão configurando a

estrutura de todo o movimento, e assim sabendo quais som pontos fracos, os fortes, e desenham a sua estratégia de ataque.... Normalmente, o inimigo pretende convencer militantes com pressões psicológicas, judiciais ou, incluso, subornos monetários e futuros trabalhos. Também temos dados de “serviços” de chivato temporais: um ano, ano e meio, etc., todo dependendo da informação que vaia passando ao inimigo.

Conforme o chivato esteja passando informação ao inimigo, este terá-o mais “colhido”: podem fazer-lhe fotos, gravações com polícias ou fazendo declarações, etc. sendo assim muito difícil a potencial “reintegração” na sua vida normal, já que podem chantageá-lo com mostrar esta informação no contorno político, conseguindo assim a exclusão da pessoa chivata.

FORMAS DE CONSEGUIR INFORMAÇÃO INDIRETAMENTE

Além da informação que possam conseguir de primeira mão, os serviços de informação têm uma importante estratégia para conseguir informação “a distância”. Os avanços tecnológicos dos últimos anos e a grande imersão social no mundo virtual facilita enormemente o trabalho de controlo policial.

I. TELEFONE

A facilidade para pinchar comunicações telefónicas faz um modo simples para o Inimigo ouvir as nossas conversas. Por uma parte podem ter informação concreta de atividades e rede de relações e por outra ajuda a desenhar um perfil psicológico, quanto mais empreguemos quotidiana e acriticamente este apar-

to, mais detalhado será o perfil que terão de nós. Interessa-lhes saber se vamos ou não vamos a tal sítio ou evento. Se mentimos -porque a uma pessoa outra pessoa disse-lhe uma versão diferente-. Sabem como são de fluidas e frequentes as nossas conversas e com quem. Muitas vezes o nosso estado de ânimo, o que nos preocupa... O nível de quanto e como se empregue é proporcional a quanto sabem de nós. Uma chamada de mais de cinco minutos pode chegar a ser toda uma descrição psicológica de como somos.

Aliás, os novos telefones também aportam informação engadida de GPS, é dizer, oferecem-lhe aos serviços de informação a nossa localização física enquanto levamos connosco o aparelho. Inclusive, há programas que lhes permitem introduzir-se nos sistemas operativos telefónicos e aceder às mensagens de texto ou multimédia, aos contactos da agenda e a outra informação que tenhamos guardado: notas, calendário...

Também existem programas capazes de utilizar os telemóveis como gravadoras. Não apenas das conversas telefónicas, mas também das conversas próximas ao aparelho, para evitar isto o mais seguro (depois de não o ter connosco) é desligá-los e tirar-lhes a bateria, porque mesmo desligados podem manter determinadas funções, como o relógio ou o despertador.

Atualmente, segundo dados do Estado, a população do Estado que tem móvel não se separa dele mais de dois metros ao longo das 24 horas do dia. O Estado Espanhol tem um sistema de comunicação denominado SITEL (Sistema Integral de Interceptación de las Comunicaciones Electrónicas) criado pela empresa Ericsson, comprado pelo governo Aznar e instalado

polo governo de Zapatero. Grava e guarda todos os dados referentes a comunicações eletrónicas através do Estado. Depois dos atentados de onze de março de 2004, ampliou-se até 6 meses a obrigatoriedade de guardar todas as conversas, mas devido à evolução tecnológica nos serviços de armazenamento de dados, faz que se podam guardar de maneira ilimitada. É de notar que a gestom do SITEL corresponde a empresas privadas em colaboração com o Ministerio de Interior.

COMUNICAÇOM

Igual que o telefone fixo, o telemóvel serve para a comunicação. Graças a SITEL, todas as conversações ficam gravadas e guardadas à disposição da Policía Nacional e a Guardia Civil, sempre sob autorização dum julgado, mas os serviços de informação nem sempre seguem o caminho legal, e podem aceder a estes dados sem a necessária autorização.

GPS

O mesmo SITEL pode triangular a posição dum telefone. Cada telemóvel recebe a cobertura através das várias antenas de telefonia que estão espalhadas pola nossa Terra. Em base a saber em que antena está conectada os serviços de informação podem saber onde está situado o telefone, e por extensom a sua proprietária. O SITEL o que faz é guardar esta informação indefinidamente.

II. CARTONS BANCÁRIOS

O controlo do uso de cartons bancários é umha fórmula que também aporta dados interessantes para as bri-

gadas de informação. Que compramos, quando compramos, que recursos económicos temos, ou mesmo onde estamos e a que horas. Levantar dinheiro desde qualquer caixa automático, ou outras atividades que se podam fazer nos multibancos, como recarregamento de telefones, etc. Som dados que passaram a ser analisados.

III. INTERNET

A conexom permanente, através de telefones ou computadores à word wide web, faz com que tenhamos permanentemente um “chip” controlando-nos. Primeiro pola localização física de onde estamos. Aliás, o uso da rede dá umha ingente informação sobre nós: o que consultamos nos buscadores, que páginas webs visitamos, o tempo de leitura em cada umha delas, etc. E tudo isto desenha o nosso perfil de interesses e dedicação.

Ademais a própria frequência de uso informa de nós. Se estamos conversando é que nom estamos reunidas ou fazendo outra cousa. E se estamos em atividades simultâneas, provavelmente se nos escape informar disso através da própria conversa. Som muito habituais os diálogos-confessons a respeito de onde se está, o que se está fazendo, o que se está pensando ou o que está preocupando, etc.

Para além de valorizaçons a respeito da salubridade dos tipos de condutas que se derivam da conexom permanente, a nível de controlo aplicaçons como o Whatsapp oferece um seguimento constante -nem só policial- sabendo quando foi ligado por última vez, e criando relaçons de exigência e/ou dependência com as pessoas com quem se está em “ligaçom virtual per-

manente”, o que tende a exigir o seguimento da conversa e cria dependência, dificultando fazer a vida sem levar o aparelho sempre connosco.

Correio eletrónico e dúzias de contas alojadas na net constroem um perfil detalhado das pessoas. Desde páginas para atopar emprego, fóruns de debate, comentários em portais de notícias, páginas de publicação de fotos, blogues, etc. O máximo expoente deste controlo virtual concretiza-se nas redes sociais: Facebook, Twitter, Instagram, etc. som umha das facilidades mais eficientes para exhibir-nos e sermos controladas. Se já somos nós próprias quem nos expomos, a polícia poupa boa parte do seu trabalho de pesquisa. Isto, coloca-nos numha situação de debilidade frente o inimigo, evidente. Independentemente de que achemos que somos ou nom potencial objetivo da repressom. Aliás, aqui também há umha dinâmica de insolidariedade muito forte; a máxima “eu nom tenho nada que esconder” -para além da ideia que se tenha sobre a questom da intimidade- serve para pôr no ponto de mira a quem si quer reservar o seu perfil longe dos espias.

IV. OUTROS

MICROFONES E CÂMARAS

A instalação de este tipo de sistemas já foi descoberta em centros sociais, moradas particulares e carros privados. Só necessitam umha câmara ou microfone e um aparelho de recepção, este tipo de aparelhos podem comprar-se a nível particular. Depois, tentam espalhar microfones por vivendas, carros próprios, centros sociais, etc. A forma mais fácil de localizar estes aparelhos, ademais de efetuar um registo meticoloso, é com um telefone móvel, chamar e passá-lo perto da zona

da que temos suspeitas de que poida estar colocado um microfone ou umha câmara, se há interferências, é porque aí há um aparelho destas características.

LOCALIZADORES EM CARROS E ROUPA

Som localizadores GPS que se colocam para seguir com maior segurança um carro ou umha pessoa. A técnica para descobri-los é igual que para as câmaras e microfones de vigilância. Já se tenhem atopados este tipo de localizadores em bicicletas ou botas de montanha. A própria polícia tem reconhecido em juízos contra o independentismo galego a colocação destes aparelhos em pessoas do nosso movimento.

EMPREGO DE CÂMARAS DE VIGILÂNCIA

As câmaras de vigilância de autoestradas, câmaras de vigilância de tráfico nas cidades, câmaras de vigilância de bancos e lojas, etc., podem ser “pinchadas” polos serviços de informação para seguir ou vigiar a pessoas ou manifestações.

FORMAS DE USAR A INFORMAÇÃO

O conhecimento dá opções de criar dúzias de hipóteses de atuação para desestabilizar

e tentar aniquilar um movimento. Desde descobertas de determinadas atividades ilegais, evitando-as e exercendo o castigo estabelecido nas leis, até pequenos dados que ajudam a ir desestabilizando pouco a pouco.

A RUMOROLOGIA

Há grupos dedicados em exclusiva a criar estados de opinião -cousa que agora com a imersão virtual

resulta muito mais fácil-. Um chivato de pouca monta pode introduzir desconfianças em outras pessoas, dúvidas da validade de determinados projetos ou pessoas, e ir mermando a autoestima e autoconfiança do movimento.

PRESSONS

A espionagem pode manter-se de jeito discreto, ou bem pode evidenciar-se, fazer visível o controlo para inocular o medo. Secretas visíveis, e inclusive intervencionistas: os polícias que vam avisar aos chefes da “perigosidade” da trabalhadora, ou aos centros de ensino comentar com o professorado a situação do alunado, às casas prevenir as famílias dos ambientes políticos por onde anda a filha...

E nom é a primeira vez que ameaçam por telefone à própria pessoa perseguida, interrompendo a meio de umha comunicação entre outras pessoas. Corta-se a voz amiga e intervem o espia de turno com ameaças.

DIVIDE E VENCERÁS

Que melhor para o inimigo que nos pelejemos entre nós, para fazer que se perdam todas as forças polo caminho. Entom, com ter umha pessoa infiltrada ou colaboradora soltando a chispa do rumor já está em marcha o jogo do telefone avariado: cada elo aumentará e inventará parte do comentário. Desprestígio, desconfianças, falsas alertas, dramatizaçons, pessimismo... podem ser linhas de intervençom da rumorologia policial. A discreçom, o respeito e as análises serenas e inteligentes som as melhores armas para este tipo de ataques. Que quando um rumor chega aos nossos ouvidos, morra o jogo.

A partir dos dados que consigam recompilar estabelecem a estratégia: com o resto dos seus sequazes (meios, juízes, parlamentários...) vam criando estados de opiniom mediática e fomentando o desenho de novas legislaçons adequadas para atacar melhor (veja-se a lei de partidos, doutrina Parot...). Dado que a legalidade é sua, a partir da descoberta de determinadas informaçons podem pôr em prática todo o braço executor do Estado para abortar qualquer movimento perigosos para os seus interesses.

RELATOS DE INFILTRAÇÃO NA MOCIDADE INDEPENDENTISTA

RELATO 1

O ENCONTRO

A mim entrou-me um homem de entre 45-50 anos, metro setenta, olhos claros e loiro, falando galego. Estava na estação de autocarros, e apareceu diante de mim, dixo o meu nome, sorriu-me e logo continuou:

—Já te imaginarás quem som.

—Um *madero*? —perguntei.

E respondeu com superioridade “nom, nom, nós vi-mos de arriba, de Interior”. Nesse momento eu andava cara a porta e já se me aproximara também umha mulher, entre 35-45 meio disfarçada: levava um gorro de la grande, uns óculos enormes (supostamente de ver) e muitíssima maquilhagem. Sorriu e também dixo “Olá”. As duas falavam galego bastante bem, com algum traço dialetal do interior do País, pode ser que de

perto de Lugo. O homem levava a voz cantante. Era “campechano”, próximo na sua expressom. A mulher acrescentava pequenas *puntilhas* e de vez e, quando insistia na opçom de irmos para um bar tomar café, porque “fazia muito frio”.

Ao café neguei-me desde o primeiro momento, mas perguntei-lhes que me queriam. Daquela começamos a falar às portas da estaçom na cidade na que moro.

A sua exposiçom poderia dividi-la em três blocos principais: 1º peloteio, 2º oferta e 3º chantagem.

O PELOTEIO

Em primeiro lugar houve umha *retáila* de elogios: que se as minhas capacidades, o meu bom trabalho militante, a minha brilhantez nos estudos... E ligam todo isto às minhas supostas possibilidades de ascenso social. “Tu, com a tua formaçom e capacidade podes chegar mui alto”.

A OFERTA

Entom começa a fase da “oferta”. Com esse curriculum, podemos ajudar-te a encontrar um trabalho do teu, bom, do que gostes... E citam a possibilidade dum posto de jornalista do que eu tinha procurado informaçom.

Logo, seguindo na linha do económico, informam-me de que também poderiam solucionar-me algum probleminha, como o da bolsa de estudos do meu irmão (que ficara sem ela por um erro administrativo na solicitude) o qual suponhia umha questom importante para a economia familiar.

Depois disto aguardam a minha resposta, com a cara dum comercial satisfeito após explicar as vantagens dumha aspiradora de última geraçom.

E evidentemente disse-lhes que “nom, obrigada, nom estou interessada em ser chivata”.

Isto, claro, negarom-no com eufemismos: “Nom, mulher, nós o que buscamos som colaboradores. Tu seguirias fazendo a tua vida e militância exatamente igual, nom tens que te arredar de nada, podes seguir em portavozias e no que queiras”.

E a partir deste momento começa a fase clara de chantagem.

A CHANTAGEM

“Mas se é umha oportunidade para ti”. E aqui fazem um inciso no seu tom amável para lembrar-me: “Olha, tu já tens pendentes delitos, e como vás atostar choio se o primeiro que aparece ao buscar o teu nome em Google é isso”. Isto, a verdade, fez-me graça — a ocorrência, digo — que eu nem tinha pensado até esse momento.

E continuam explicando-me as condições do seu trato: “Tu seguirias como até agora, só tomaríamos café de quando em quando. Em realidade o único que nos preocupa é a violência”. Nós respeitamos as reivindicações políticas”. E procuram a empatia dum jeito que me surpreende, e num primeiro momento até me custa entender: “Repara que bem nos saírom as anteriores eleições”. Eu fico descolocada, nom entendo, e a minha cara devia dizer algo assim como “Porque as ganhou o PP”. Entom véu umha explicação que me fixo umha graça incontível: “Refiro-me aos resultados das candidaturas independentistas às municipais”. Falava em primeira pessoa das candidaturas independentistas!

Depois disto prosseguiu com o suposto foco da sua preocupação: “Claro, o da violência é outra cousa”, e puseram um exemplo prototípico: imagina que calha passar a tua irmã ao pé de umha bomba no momento que rebenta, que che pareceria?” Com este comentário entrou-me umha risa pequena, perante o argumento de “*artefacto a 500 metros de una escuela*” demasiado manido. Parecerom-me menos profissionais depois disto. Mas insitirom, “que che pareceria?” e respondim: “Parece-me demagógico. Também pode morrer num acidente de carro, e nem ir em carro é por umha causa justa, nem se proibem os carros”. Responderom que nom era o mesmo. Claro. Claro. Eu voltei a fechar a boca, e já me arrependia de a ter aberto.

Neste momento mudaram de terço, e fizeram um pequeno repasso da história militar do independentismo desde os 70, defendendo a hipótese de que essa resistência que ainda nom conseguiram erradicar era um fracasso: “acabou-se com a UPG-Frente Militar. Com o LAR. Com o EGPGC. Sempre se acaba com isso”.

Eu permaneci calada, pensando que já gostariam, que ainda estão nisso, desde muito antes dos 70. Mas calei disciplinadamente. Daquela chegou a parte “feia”, digamos, a contrapartida. O que eu tinha a perder. “Depois pringam quatro para nada. E agora as condenas nom som como antes. E olha o de hoje... (aludindo às detenções dessa manhã, das que eu ainda nom sabia os nomes, o qual aumentava a minha insegurança). Todo morto e a tua vida arruinada”. Eu nom respondia e continuava: “O ideal é trabalhar polo que acreditas, mas sem arruinar-te a vida. Podes escrever, estar em portavoizas...”

Esse momento foi também clarificador, souberam que tam pouco lhes estorva a literatura e os debates de sa-lom. Que pouco risco para o Estado. Que pouco nexo com a conflitividade social e a libertaçom. Neste momento sentim desprezo cara o culturalismo, e mesmo percebim que insinuavam que estaria melhor em outro sector do independentismo.

E continuei calada, penso que mantivem bastante bem a auto-obriga de estar calada para dar a mínima informaçom.

Entom repetirom a sua oferta, “só necessitamos dados mui concretos”, pontualizava a mulher.

“Nom, nom estou interessada em ser chivata”, e de novo edulcoravam o assunto, “nom é isso, mulher, som colaboraçons. Nós trabalhamos basicamente com investigaçom e colaboraçons”. Com estes comentários entrava-me a risa, nom sei se do nerviosismo ou da estupidez da explicaçom, mas tentava manter a atitude e a boca fechada.

“Sempre há que nos ajuda. Se nom o fas tu fara-o outro”.

“Sim, pois fara-o outro, porque eu nom”.

Entom soltam: “Se quisesses ajudar-nos, poderias?”

Aí escapou-se-me umha gargalhada, ao ver a trampa tam cutre, e respondi com sorna: “se pudesse ajudar-vos, nom quereria”. Em este momento sentim-me bastante orgulhosa, assim que quigem rematar dumha vez com o tema. Dei um passo e dixem “vou ir indo”.

A DESPEDIDA

Neste momento o home diz-me: “Pensa-o, vale? De todos jeitos levamos umha grata surpresa de que nos es-

cuitaras, talvez rematemos tomando um café, és umha rapariga agradável”.

Isto descolocou-me. A minha correção era tomada como “amabilidade”. E tendo em conta quem eram os meus interlocutores, o inimigo, sentim um nojo profundo. Um nojo de infâmia, reconhecim o insulto rapidamente: Puta, queriam dizer, que puta tam amável connosco, escuitando-nos tranquila. Sem chamar-lhes ratas, sem cuspir-lhes nos olhos.

Assim que tivemos que dizer algo mais:

—Podo ser tremendamente cínica —e surrim com repugnância. Entom notei que se descolocavam elas. A mulher perguntou-me: “Daquela, porque te paraste a escuitar?”

E entrei à conversa:

“Tinha curiosidade por saber como o fazedes. E é interessante para o fazer público”.

De isto nom gostarom nada. Juraria que a mulher virou um pouco colorada. Pugerom-se mui sérias e disserom: “Isso nom estaria bem, nom fai falta”.

Entom despedim-me:

“Bom, Juan, —e toquei-lhe um braço, cinicamente, conscientemente, do estilo da gestualidade politiqueira, de controlo e amabilidade— marchó, sim?

E olhei para a mulher, que nom dissera nengum nome, e já em plam sobrado, digo-lhe, “como te chamavas tu?”

Isso sim que nom o esperava, foi gracioso, pôs-se nervosas e demorou uns segundos em responder. Eu rim-me e disse-lhe “nom te ponhas nervosa, mulher”. E desculpa-se, “nom, e que te queria dizer algo mais, foi-se-me. Eu chamo-me Helena”.

“Vale, pois mui bem. Até logo”.

E marchei. Ele e ela ficaram lá, acho, mas nom me virei para confirmar.

RELATO 2

Estava perto de acabar a carreira quando recebi umha chamada por telefone de umha companhia interessada em oferecer-me trabalho, disserom que a Universidade lhe tinha cedido os meus dados e queriam concertar umha entrevista comigo.

Uns dias depois, presenteimei-me no Bar onde me citaram para o encontro. Ali havia três homens, de entre 30 e 45 anos, vestidos os três de fato. Conhecerom-me, saudarom-me no momento de me ver, com muita cortesia e protocolo, e sentamos numha mesa.

Convidarom-me a sentar de primeiro, numha mesa para quatro que batia com a parede. Sentei, e logo sentarom eles, dous em frente e um ao pé de mim, com o qual fiquei “encerrado”. Achei que o facto de sentarmos assim nom foi casual, eu estava entre a parede e um deles, e em frente, outros dous. Sentim este mal-estar mesmo antes de saber quem eram realmente.

Um deles falava galego, e os outros dous castelhano de Castilha. Derom-me uns supostos seus nomes. E primeiro de nada sacarom o tema do meu curriculum, elogiarom-me muito a respeito das minhas qualificações e da minha inteligência.

Entom eu perguntei que tipo de trabalho é o que precisavam, já que em esse momento eu ainda nom estava licenciado.

E em este momento surrirom um pouco os três, como com picardia e cumplicidade, e disserom-me que

vinham do Ministerio del Interior. Disserom que sabiam que eu andava no independentismo, mas que era umha pessoa muito inteligente e muito válida, com um futuro prometedo, assim que tinham medo de que acabara mal (sim, que eles tinham medo do mal que poderiam fazer eles próprios). Eu mantivem-me em silêncio durante todo o tempo, enquanto iam falando.

Tinham diferentes roles, o que falava galego, era o mais “campechano”, o “poli bom”, ia sem gravata, vestido algo mais informal, e centrava-se em gabar-me, gabar as minhas capacidades e falava de me proteger, de que o meu futuro nom corra perigo... Era o que estava sentado em diagonal comigo.

Em frente tinha a um dos que falava espanhol, parecia de Madrid ou por aí. Era mais sério e muito “profissional”, nunca duvidava a falar, via-se-lhe seguro de sim, e parecia que souber todo de mim. O terceiro, o que estava sentado ao meu lado apenas falava. Mas a sua presença ao meu lado era a mais intimidatória.

Comentaram-me que sabiam que eu era boa pessoa, e que o que queriam nom era que deixara de lutar polos meus “ideais”, que eram justos, nem que atraísse-se ninguém.

Simplemente ofereciam-me umha boa ajuda (um salário a curto prazo) e a meio um posto de funcionario do Estado de muito boas condições laborais e económicas. Diziam que com o meu curriculum nom era umha ajuda sua, era um lugar que ocuparia por méritos próprios, mas que de continuar na corrente do independentismo na que estava poderia ter complicações.

E veu a petição: O único que precisavam era umha pequena colaboração para que lhes dissesse como an-

dava o movimento juvenil, quem era a gente que tinha mais peso, que pessoas novas iam aparecendo... Disse-rom, claro, que eu manteria a minha militância como até agora, e que isso só ia servir-lhes e eles para ter um pouco de informação sobre como está o panorama.

Perguntei-lhes se era AMI em concreto o que investigavam. Disserom que nem só: “no sólo AMI, toda esa corriente del independentismo. Los simpatizantes. Los ex-militantes, la gente del entorno.” E o que falava galego especificou “claro, o que nom nos interessa tanto é a gente da contorna de Primeira Linha, e por suposto nem o ligado ao BNG, Isca e assim, nem a FPG e Adiante, isso é totalmente inofensivo”.

Comentaram que sobre estas correntes independentistas podiam saber o que quisessem, mas que nós tomávamos medidas de segurança. E perguntarom sobre isso: “Para que o fazedes? Eu figem um gesto instintivo, subindo os ombros e pondo cara de “nom sei”. E derom-me ganas de perguntar “para que espiades vós?”. Mas a sensação de encerro entre os três homens nom me permitia esse tipo de valentias.

E aqui comentei que tinha pressa, que me devia ir embora. Até o momento nom tinha falado, e procurei sempre manter a postura firme e relaxada para limitar a informação que pudessem tirar de mim.

Eles aceitaram, digerom que fora um prazer falar comigo, animarom-me a que pensara na sua “oferta” e que já me chamariam. Derom-me a mão cada um deles. E disserom que o café estava pago. Entom marchei.

Fum a aulas toda a tarde e essa noite falei do sucedido com a minha companheira. Ao início intimidava-me até o facto de falar em alto do que me tinha

ocorrido. Sentia como se estivera vivendo num filme de ciência-ficção.

A semana a seguir voltei a receber outra chamada no telemóvel. Era um deles, o que falava galego, se me apetecia voltar a tomar café e falarmos um pouco. Para mim a sensação foi muito confusa. Sabia que eram o inimigo, sabia que qualquer gesto meu poderia servir-lhes de ajuda, que tinham altíssimos sistemas de investigação psicológica pelos quais podem analisar formas de sentar, de agir, de mexer-me, de falar, tons de voz, silêncios, olhadas... Ao mesmo tempo tinha uma curiosidade altíssima, por ver que é que me diriam desta vez, como se comportariam, que me ofereceriam de novo...

Falei com a minha companheira, ela disse-me que nom fora. Eu sabia que nom devia ir. mas ao final deixei-me levar pela curiosidade, decidim que ia, para lhes dar a negativa em pessoa. Combinamos no mesmo bar da vez anterior. Desta vez só vinherom dous, faltava o “matom” que estivera sentado ao meu lado. Estavam o espanhol e o “poli bom”.

A sua atitude era muito mais distendida que a vez anterior, surriam e brincavam sobre o tempo (sempre chove, eh?), pero ao chegar ao sítio eu já lhes disse que nom queria tomar nada. Virarom sérios, perguntarom que passava, que pedira algo e falavamos com a calma. Disse-lhes que nom, que já pensara e que nom ia colaborar com eles. Insistirom. Sentamos e pedirom que lhes explicara a minha postura. Mas eu disse que nom tinha nada que explicar-lhes, que nom tinha intenção de colaborar. O que falava espanhol começou a dizer-me que tivera calma, que igual levava uma ideia confundida do que me estavam a propor. E foi

mais talhante, “tu sabes donde estás, pero no sabes las consecuencias de donde te metes”, e já passou a um tom mais ameaçante: “no querrás hacerles daño a tus padres”, e falavam de pessoas da minha contorna, como a minha irmã ou a minha namorada, polo seu nome: “o que diria Patrícia se descobre que tem um irmao terrorista?” ou “que opina disto Verónica, sabe ela em todo o que andas?”. Entom sacarom um cartafol com fotos, e ensinarom-me fotos de manifestaçons e atos públicos juvenis, em muitas delas estava eu. Mentres mas deixam ver diziam-me “te acuerdas de este día?”, e perguntarom-me por algunhas pessoas que também saiam nelas: “E a Manuel, vai-lhe a macarrada, nom sim?”, e perguntavam o nome de algunhas outras: “e esta quem é?”. Eu em este momento disse-lhes que nom tinha nada a falar com eles, penso que até me desculpei e todo, comentei que tinha presa, erguim-me e fum-me.

A semana seguinte volvim ter chamadas perdidas com número oculto, como me chamaram da outra vez. Mais já nom colhim o telefone. De feito, desde aquela quase nunca colho tampouco o telefone quando nom reconheço o número que me liga.

Algum tempo depois voltei a cruzar-me, de casualidade, com o tipo que falara em galego. Ele quis parar: “Home, Estevo! Que tal?”. E eu fiquei chocado, ao princípio soava-me a cara, mas nom o reconhecia, e enquanto reagim respondim: “Bem, aqui seguimos. Até logo”, e fum-me a passo rápido, sem deixar-lhe continuar conversa.

Depois disto nom voltei a ter novidades a este respeito.

RELATO 3

Saim da casa para ir trabalhar, um trajeto de apenas de 200 metros. Na metade deste, e com bastante gente circulando pola rua, dous senhores aproximaram-se a mim, oferecerom-me a mão e saudarom-me polo meu nome: “Olá Abelardo que tal. Som Manuel”. Derom-me o bom dia, e eu dei-lhes a mão com cordialidade.

Disserom-me que queriam falar comigo, e que seria melhor tomando um café.

Nom me pareceu mui raro, já que ia começar a temporada de futebol, e nessa época sempre aparecem vários diretivos de equipas para me convidar aos seus clubes.

Respondendo à sua proposta, oferecim-lhes ir ao meu bar, já que estava ao lado. Eles negarom-se e disserom que era melhor ir a outro lugar “mais íntimo”, com menos barulho. Eu insistim, voltarom negar-se, e convidarom-me a ir a outro bar mais para nom interferir no meu trabalho. Acedim e propuserom ir tomar o café ao local do lado.

Tivemos de caminhar mais 20 metros. De caminho perguntei-lhes várias vezes o que queriam falar e se eram de alguma equipa, e eles derom-me largas, dizendo que já mo explicariam lá. Nesse intre comecei a desconfiar e suspeitar de algo estranho. Eles falavam banalidades, tratavam-me com confiança e inclusive chegarom a agarrar-me do braço de modo afetuoso, como tentando inspirar umha tranquilidade que resultava forçada e falsa.

Entramos no estabelecimento, que era um bar conhecido para mim, pedimos três cafés. Eu escolhim a mesa, eles aceitaram (a essas horas, o bar estava qua-

se valeiro, e nom havia ninguém ao lado). Sentamos em umha mesa perto do balcom e da porta, porque eu também nom me queria meter muito ao fundo.

Umha vez acomodados apresentaram-se como polícias que trabalhavam para a Audiência Nacional, e que estavam estudando o que passara anteriormente na minha vila, com um presunto roubo de bandeiras e pintadas do que eu estava acusado. Falavam de maneira coloquial, como se foram colegas. Respondim-lhes que eu nom tinha nada a ver com isso.

Eles tiravam-lhe ferro ao assunto, dizendo-me que nom passava nada, que sabiam que fora eu, dizendo-me que desta vez foi umha parvada, mas que me ia cair umha boa multa, e deixando cair que a partir disto, ia ir de mal em pior...

Tentaram perguntar-me de novo polo tema das bandeiras, mas eu disse em todo o momento que nom sabia nada.

Depois começaram a dizer que sabiam que eu estava relacionado com certa gente, e que só me iam fazer umhas perguntas, que se colaborava um pouco, a multa seguro que quedava em nada porque eles sabiam que era umha parvada. Simplesmente nom resposteí, fiquei calado e observei-os. Começaram a perguntar-me por pessoas concretas do movimento, entre elas, nomes que eu nem conhecia, e de seguro lhes pugem cara de incrédulo. Perguntaram-me polo nome de umha companheira próxima, com a que tinha relação direta. Eu disse-lhe que havia muitos nomes iguais, que nom sabia por quem em concreto me estavam a perguntar. Concretaram-me onde vivia e estudava, deixando cair que poderíamos combinar de novo

outro dia se mudava de opiniom. Comentei que era difícil saber quem era, que conhecia muita gente.

Até entom um deles, que tentava falar galego, fazia de bom e nom perguntava nada. Só tentava tranquilizar-me, à vez que reafirmava a frase do companheiro que levava a voz cantante. Este último, que falava espanhol, depois de que eu estivera esquivando a conversa, começou a incomodar-se, alterou a forma de falar de forma considerável, a me acusar de que os tratava de parvos. E falarom-me do seguimento que levavam feito esses últimos dias. Datas, horas, pessoas... com uns modos um pouco mais hostís.

Ante o meu silêncio, relaxarom de novo o discurso e voltarom fazer-me a pelota, falando-me do meu trabalho, dizendo-me que era pouco para mim, que era inteligente, que podia aspirar a mais.

Eu perguntei-lhes onde queriam chegar, e insistiam em que em troca de informaçom, conseguiriam nom só a retirada da denúncia, mas também, o que consideravam um trabalho melhor para mim.

Voltei a repetir que eu nom sabia nada do que me estavam falando. Eles ameaçarom-me de novo com que se nom cooperava as cousas iam ser muito piores, que me ia meter num lio dos grandes.

Foi entom quando lhes disse que nom havia mais nada do que falar. Que chegava tarde a trabalhar. Levantei-me e fum-me. Despedim-me da proprietária, e conhecida do local e marchei enquanto eles ainda se erguiam. Nom recebim queixa alguma assim que suponho que pagariam os cafés.

RELATO 4

CONTACTO

Estava eu de caminho à oficina do INEM, à altura da praça do Couto pensando em

Inscrever-me para procurar emprego, quando notei que chamavam por mim dous homens.

OFERTA

Um dos homens levava um maletim, vestia de traje e tinha óculos, de idade entre 30 e

36 anos e cabelo curto. O outro tinha as mesmas características, mas a sua roupa era normal.

—Chaval, és Fuco? —perguntarom

—Sim, quem sodes? —respondim

—Recebemos umha denúncia de agressom por parte de uns colegas que te querem mal, mas sabemos que nom estavas lá e nom tens nada a ver. Nom che vai passar nada (a estas alturas percebi que procuravam umha espécie de chantagem). “Si tienes un momentito para hablar y hacerte unas preguntas sobre la agresión, la denuncia, las “movidas” esas... podemos olvidarnos del tema”.

Respostei que tinha pressa, que chegava tarde, ao que responderom: “si sólo son 5 minutos”, ao que continuei negando-me. Pedirom-me o meu número de telefone para ver se me podiam chamar outro dia. Disse que nom. Entom oferecerom-me combinar outro dia, continuaram insistindo e propuserom combinar no dia seguinte às 18h da tarde na mesma praça na que estavamos.

DESENLACE

Nom me apresentei ao dia seguinte para o encontro e nom voltei a saber nada dos homens,

mas como depois efetivamente soubem que alguns amigos meus tinham recebido umha notificação de denúncia contra eles por agressom a um rapaz —que alguém nem conhecia—. Finalmente, o mozo que apresentar a denúncia, nem se apresentou ao juízo. O que me faz pensar que esses dous homens estavam a usar essa situação para aproximar-se e tentar conseguir informação política do meu contorno.

RELATO 5

No meu caso fum abordado por dous homens quando me dirigia cara a paragem do autocarro para ir à universidade. Ache garom-se-me por detrás.

—Joám?

—Sim?

—Olá, somos do Ministerio del Interior, queremos falar contigo

—Nom vejo razom para falar convosco

—Fai-me caso, interessa-te o que temos de oferecer.

Eu nom me movim, e começaram a falar ali mesmo, a conversa duraria dez ou quinze minutos. Falaram das multas que lhe devo ao Estado, que se podia solucionar esse tema, etc. Eu nom respstei, e foram mudando de comentários, desde o bom futuro que me aguarda com os estudos até que seja responsável e pense na minha mai, na minha irmã, na minha família, etc. E o que mal que o podem passar se ando metido em “lios”.

—Sabemos que deixas infraestrutura para a AMI.

—Infraestrutura? Nom sei de que me falades

—Sim homem, sona-che Vilarodís?

Faziam referência à casa familiar na aldeia onde se celebrara a última Assembleia Nacional poucos meses antes.

—Ah! Sim, se o queredes considerar infraestrutura...

—Sabes que há um processo aberto contra a AMI.

—Que eu saiba a operação Castinheiras está fechada.

—Sim, mas haverá outros processos, assim que se te interessa botar-nos umha mão, só te pedimos que, ti que estás aí dentro, que vás às reuniões, nos digas quem fala disto, quem do outro, como vos dividides o trabalho, etc.

—Já, mais eu tampouco tenho acesso a informação que vos poda interessar e nom acho que façamos nada ilegal.

—Mas, nós aceitamos a ideia da independência, parece-nos bem que reclamades os vossos direitos, mas, quando alguém colhe umha arma e pretende utilizá-la... aí muda a cousa.

—Homem, vós levades armas e entendo que alguém se queira defender.

Aqui é quando começam a falar do tema que realmente lhe interessa.

—Ti pensas que Sánti e Jose fizeram o que fizeram por iniciativa própria? Ou há alguém por cima, que lhes diz o que tem que fazer.

—Nom sei nem o que dizes que fizeram nem se há alguém dando ordens.

—Que futuro crês que lhe aguarda ao teu amigo Fiz? (Daquela responsável comarcal da AMI na minha zona)

—Pois suponho que o que vos lhe queirades dar. Bom tenho pressa, perdo o autocarro.

—Tranquilo, fica um pouco, podes colher um táxi — Diz um deles, enquanto tira do bolso um bilhete de 20 euros.

—Nom, deixa, passa outro num quarto de hora. — Respostei. Passavam cada hora, mas queria sair de ali quanto antes.

—Bom, ti pensa no que te dizemos, com calma, e manhã voltamos a combinar aqui, à mesma hora.

—Manhá nom tenho aulas, assim que nom venho por aqui.

—Bem sabemos que manhã fazes o mesmo que hoje. Ti pensa que te podemos ajudar com as multas e, por suposto, terás cobertos todos os gastos que tenhas. Manhá falamos e já nos dizes que opinas e que queres fazer.

—Bom, já o penso, até manhã.

Esse mesmo dia elaborei um informe para a Assembleia Comarcal à que pertenço, que foi levado ao Conselho Nacional. Vários dias depois entrevistaram-me no Novas da Galiza, saindo publicado o caso.

Ao dia seguinte apanhei o autocarro duas paradas atrás, mas chegada a hora, quando se suponha que combinaram comigo, chamaram-me ao telemóvel, e após deixá-lo soar várias vezes, descolguei.

—Olá, Joám, som Filipe, lembras?

—Sim, que foi?

—Pois isso, estamos aguardando por ti na paragem, vás vir?

—Nom, a verdade é que já quase estou na universidade.

—Bom, entom que queres que façamos com a nossa proposta.

- Pois nom me interessa, obrigado.
—Seguro?
—Sim.
—Pois ti verás.

RELATO 6

Para mim é mui difícil falar deste tema. A meias vem influído polo medo (polo que foi, polo que pode passar, etc.) e por vergonha. A minha experiência vai do que nom há que fazer nunca. Tentarei explicá-lo.

Saim da minha casa, fazendo o mesmo caminho que todos os dias. Duas pessoas abordaram-me, e o homem enganchou-me polos braços e arrastrou-me cara umha rua transversal, levando-me a um sítio apartado, enquanto dizia:

—Queremos hablar contigo.

Eu estava surpreendido, pensando que me levavam detido, ou algo assim.

—Quem és? Que foi?

—Ti que crês, somos do Ministério, Quique. —Disse-me a mulher.

Eram um homem, com sotaque castelhano, e umha mulher, galego-falante. Eram a parelha perfeita de “poli” mau e bom, respetivamente. A conversa durou sobre meia hora (nom lembro exatamente). Sabiam que eu estava na AMI, que estava no Conselho Nacional, que tinha algumas opiniões diferentes a respeito de vários temas de atualidade na organização, complicações nalguns aspetos privados da minha vida, etc, parecia que sabiam tudo.

Soltarom-me nomes de gente que conhecia, nome e apelidos, alcunhas, etc, só lhe faltou dizer-me o número do cartom de identidade.

—Qué te parece lo que hacen José Manuel Ramos Moscoso o Roi Pereira Casal?

—Pois eu que sei, trabalhar? Estudar? Nom me meto onde nom me chamam.

—Y de Joám Lourenço Rodríguez?

—Quem? —Na vida escuitara falar dessa pessoa.

—Conheces tu mais “indepes” do que eu.

—Puede ser, ¿trabajo en esto no?

—Está claro.

Disserom-me que pensara na minha parelha, na minha família, no meu futuro, que eu estava imputado num processo judicial (agora penso que forom eles quem me imputarom), etc. Que só tinha de colaborar.

—Chivar-me, dirás.

—No, colaborar.

—E quanto tempo? E sobre que? —perguntei.

—Eso te lo piensas, quedamos en un par de días, y hablamos.

Tal qual, a curiosidade matou ao gato. Nada mais despedir-me deles, atopei-me com dous tios que cheiravam a polícia, com auriculares nas orelhas, estavam vigilando que ninguém que me conhecera pudesse achegar-se a onde estávamos falando. Pouco depois cruzei-me com umha companheira da assembleia comarcal e comentei-lhe o que acabava de ocorrer, mas nom lhe comentei o que pensara, combinar com eles para saber que queriam.

E voltei vê-los. Eu sempre partim da ideia de nom contar nada, e movia-me com reticências. Perguntavam-me por o momento no que se atopava a AMI, que

naquela altura estava num processo de debate prévio à realização dumha Assembleia Nacional. Havia debate, e queriam saber como ir evoluçionando. Tinham interesse em marcar eles o sítio para combinar, para poder controlar o espaço e impedir que ninguém nos vira. Imagino que gravarom este encontro. Nunca contestei a nada em concreto. Sempre disse que nom conhecia às pessoas e que nom sabia, mas a situaçom ante a falta de resposta fazia mais agressiva a situaçom.

A oferta era que amanhariam todo o relativo ao processo judicial no que estava implicado, que já falaram com o juiz, que estava de acordo, que se havia que acabar com o processo sem que ninguém fosse declarado culpável, sem problema, que já os colheriam por outro lado. Que eles só estavam em contra do uso da violência, que eu podia seguir sendo independentista, podia seguir indo às manifestaçons, às reunions, etc., que só que tinha de contar-lhes quem dizia de fazer tal cousa ou tal outra. Sobre todo queriam conhecer a psicologia interna da organizaçom. Para isso tinha de seguir militando e tentar continuar no posto do Conselho Nacional no que eu estava. Eu já tinha comentado na organizaçom que ia deixar o meu posto, e também lho disse a eles.

Durante a Assembleia Nacional expliquei todo o acontecido, caim na trampa de crer-me capaz de “jogar com eles”. Queria saber o que é que sabiam de mim e do movimento, e nom responder às suas perguntas. Falavam-me de que entre eles também havia piques, entre a Guardia Civil e a Polícia Nacional... elogiavam-me... Todo de manual, conseguiam manter a minha curiosidade. Mas cortei, disse-lhes que nom

tinha nada a aportar, assim que nom fazia sentido ver-nos mais.

Algum tempo depois tivemos de ir ao julgado da minha vila por umha notificação do processo judicial no que estava metido, e nada mais sair, lá estavam os do ministério. Neguei-me a voltar a combinar com eles, expliquei-lhes que nom tinha nada a dizer-lhes. E parecia que acabara todo. Afinais do mesmo ano, umha operação policial sequestra a várias jovens. Dous dias depois, recebo umha chamada no telefone fixo da casa dos meus pais.

—Boas, está Henrique?

—Boas, qual? —Na minha casa há dous Henriques.

—Chamo da USC, queria falar com ele.

—Sim, som eu o Henrique que buscas, que foi?

E colgarom o telefone, fiquei estranhado, mas continuei com o que estava fazendo na casa. Poucos minutos depois, escuito o timbre, respondo, e fala alguém que me diz que baixe, que tenho de ir por um pacote. Baixo, e aí estava a parelha do ministério.

—Que tal? Que? Surpreendido polas detençons? É curioso, parece que todos os independentistas tendes o chip metido de que vos vam deter, estades resignados.

Desta volta o ambiente da conversa foi mui diferente. Se nas vezes anteriores buscavam a minha colaboração de forma agradável, e centrando-se sobre todo na AMI, desta volta toda a conversa tratou sobre o que eles chamam Resistência Galega, e para nada amigável.

—Temos gravaçons de ti falando connosco, se as publicamos és um chivato. Queremos que nos ajudes a atopar aos que colaboram com a Resistência, queremos saber onde se fazem as bombas. Se nom nosaju-

das publicamos essas gravaçons, e a ver que fazer os teus amigos contigo.

—Eu nom sei nada do que vos chamadas Resistência Galega, assim que, ainda que quisera, pouco poderia fazer.

—Nom te preocupes, nós dizemos—te com quem tens de falar. Nós guiamos-te. —Nesse momento viu-me à cabeça o filme “El Lobo”.

—Sinto-o, mas nom vou fazer o que dizedes.

—Mira Henrique, vás ajudar-nos ou a tua parelha e os teus amigos vam ir ao cárcere, de aqui a um ano. Vamos acabar com a tua vida. Vam perseguir-te por chivato. Vamos-te destruir. Tens duas opçons, ou emigras ou colaboras.

Dizer que tinha medo era pouco.

—Passaremos num par de dias, timbramos-te na casa, e já nos dizes.

Falei com companheiras da minha vila. Quero agradecer-lhe todo o seu apoio. Organizaram-se grupinhos para que o que se supunha que iam vir os do ministério nom se achegaram à minha casa. Durante semanas nom me deixaram só em nenhum momento. O apoio foi fundamental para poder superar o medo que tivei e ainda tenho. É difícil.

A minha experiência é útil para saber o que nom há que fazer. Os que nos espiam sabem quais som os momentos mais vulneráveis, e é aí quando atacam. Com algumas nom o conseguem, com outras sim. Eles diziam que havia mais gente colaborando com eles, que eu só teria de confirmar ou negar as suas informaçons. Fam-te cair na desconfiança de que qualquera pode ser um chivato. O que é mais importante para superar qualquer ataque do inimigo, seja multa, etc. é o apoio

das companheiras. A comunidade nacional contra o inimigo espanhol. Coma diz o berro: Se tocam a umha, tocam a todas; sentim-no, e tenho muito que agradecer às companheiras.

O QUE FAZER EM CASO DE INTENTO DE INFILTRAÇÃO

► Procurar a máxima opacidade frente o inimigo é a melhor proteção, neste sentido, a discreção pessoal e a relação consciente e responsável com os aparatos tecnológicos que nos rodeiam é necessária para tentar oferecer a menor informação possível.

► Nom lhe entram a umha pessoa por ser especial, até podem ter umha estratégia meramente estatística, se querem podem entrar-lhe ao 100% do pessoal, ficando à espera de que alguém caia. Provavelmente começaram mostrando-se próximos, simpáticos, razoáveis, inofensivos, inclusive podem fingir que é polo nosso bem, que querem proteger-nos. Enquanto se deteta de que se trata a situação, o melhor é ir embora do lugar imediatamente. Guardar a curiosidade e abandonar o lugar, nom ficar à espera de ver o que nos oferecem, com que nos ameaçam ou o que sabem de nós. Nom faz falta escusas nem desculpas: Chao. Nom. Monossílabos e a mínima resposta possível é o melhor.

Os serviços de espionagem têm estudadas estratégias para cumprir com os seus objetivos. Nunca devemos ficar por curiosidade, ou até por achar que nós também podemos obter alguma informação valiosa sobre eles. O plano era seu, portanto partem do controlo da situação e estão em vantagem. Eles conhecem-nos e estudam quem e como somos antes de vir falar connosco. Nós não sabemos nada. Marchar é sempre a melhor opção.

► Não responder nenhuma pergunta. Por inofensiva que nos pareça todo pode dar-lhes ajuda. Nem água. Se perguntam que tal estás, não se dá resposta. Se perguntam se estás nervosa, não se dá resposta. Se perguntam se sabemos tal ou qual coisa. Nada. Não. E ir embora quanto antes.

► Tentar controlar a linguagem gestual para evitar dar-lhe informação através dos nossos movimentos. Umha colocação das pernas, um tremer das mãos, uns braços cruzados ou umha cabeça baixada, todo pode dar-lhes informação sobre a nossa reacção, e sobre nós. Se bem é difícil manter o controlo desses gestos inconscientes, o ideal é ficar calma, dizer não, e ir embora quanto antes. Tentar fazer-se as fortes, dar-lhes umha má contestação ou cair no insulto também não é umha boa estratégia. Toda informação lhes vale, estão para tirar dados. Ver como somos capazes de reagir e estudá-lo. O melhor é a evitação. Ir embora e deixá-los sem o que querem.

► Enquanto se esteja longe do lugar e numha situação segura pôr-se em contacto com gente de confiança.

Para obter um espaço de segurança, apoio e compreensão e decidir a forma de denúncia pública do acontecido. O ideal é comentar o acontecido em pessoa, não por internet ou telefone, senão serão os próprios espíritos os primeiros em ver a tua reacção. Podes pôr-te em contacto com as tuas companheiras, com gente da tua confiança, com qualquer militante que conheças da Assembleia da Mocidade Independentista e/ou com pessoal do organismo anti-repressivo Ceivar ou do observatório dos Direitos Humanos Esculca, para pedir apoio e denunciar o acontecido.

D.M.Q.E



LA BARBARA
EN EL TA POLA
NDENCIA A

